

12 JUL 1991

*Economia - Brasil*

2 — O ESTADO DE S. PAULO

## ESPAÇO ABERTO

# A reserva de competência

SÉRGIO AMAD COSTA



Com a nova política industrial, ingressamos, agora, noutra modelo econômico de desenvolvimento: o da "reserva de competência". Para sorte de todos nós, está sendo enterrada a desditosa reserva de

mercado. Aliás, já era tempo, pois, dentro das regras de um verdadeiro e sadio sistema de livre iniciativa, restrições à competitividade são prejudiciais a todos.

É falsa a idéia de que um protecionismo na fronteira dos mercados beneficia toda uma nação. Por um lado, auxilia alguns setores da sociedade, mas, por outro, quem paga esse benefício setorial é a coletividade como um todo. Quem tem dúvida disso? É só verificar a qualidade de grande parte dos produtos nacionais para constatar quanto o País está perdendo por causa de leis exageradamente protecionistas.

O elevado preço do atraso tecnológico (devido, principalmente, à falta de concorrência) e do alto custo da produção está sendo cobrado, evidentemente, da sociedade inteira. Os exageros do protecionismo, que, no fundo, beneficia uma minoria de produtores incompetentes (por isso temem a concorrência), são custeados a curto e a longo prazos por todos nós.

A curto prazo, a sociedade paga caro o protecionismo, na medida em que consome produtos aqui fabricados, que apresentam, muitas vezes, baixa qualidade, quando comparados com seus congêneres estrangeiros. Além disso, é generalizada a parca durabilidade de boa parte das mercadorias nacionais. Entretanto, vale lembrar que tal deficiência não se

## Os exageros do protecionismo são custeados por todos nós

aplica apenas a produtos de empresas puramente nacionais. O "acomodamento" também ocorre em algumas organizações multinacionais aqui instaladas. Vamos citar um exemplo: quem não se lembra, entre os aficionados, da alta qualidade das motos que importávamos até 1975? Qualidade, durabilidade e preço relativamente baixo eram a regra, e o resultado estava na satisfação do consumidor. Porém, aquelas mesmas motos aqui fabricadas, após a proibição das importações, dificilmente podem ser comparadas às originais, em qualquer dos itens acima mencionados.

Tal situação decorre do fato de não termos mercado interno compensador? Não. Absolutamente não, embora tal ponto de vista seja defendido por alguns empresários. A verdade é que esse quadro vem da inexistência de concorrente desenvolvido, pois é a própria concorrência que estimula o crescimento do mercado, forçando as empresas a lançar novos produtos e a melhorar a qualidade das mercadorias. Trata-se de uma cadeia necessária, sendo que, nosso caso, há anos interrompida, devido às barreiras protecionistas.

A longo prazo, também a sociedade paga caro este exagerado protecionismo, na medida em que ele gera, como consequência do acomodamento provocado pela falta de concorrência, um gigantesco atraso tecnológico. Não se investe em pesquisa, pois tal investimento é desnecessário quando se trata de produção num País que garante (legalmente, mediante o protecionismo) a fabricação, e a colocação no mercado, de produtos de baixa qualidade e com pouca diversificação. O fato é que, daqui a alguns anos, se permanecesse o exagero do protecionismo, estaríamos tão atrasados tecnologicamente que seria impossível sairmos do subdesenvolvimento. O custo social seria mais alto do que agora já está sendo, nesta condição de quase miséria produtiva em que vivemos.

Nesta nova fase em que estamos prestes a ingressar, exigem-se investimentos em pesquisas e competência na produção. Esse é o caminho para um verdadeiro desenvolvimento, pois visa, a curto e a longo prazo, ao interesse da Nação. É a antítese deste nacionalismo xenófobo, muleta há anos de uma minoria comodista que, em vez de competir no mercado (regra básica do capitalismo), esteve praticamente sustentada por um Estado intervencionista, fundamento da negação da economia de livre iniciativa. Quem não tem competência não se estabelece. Tal premissa não faz parte, em vários setores, do nosso mundo de negócios. Entretanto, a partir de agora, tudo indica, ela será uma realidade.

□ *Sérgio Amad Costa é professor dos cursos de graduação e pós-graduação da Fundação Getúlio Vargas.*